

Ministro reage às críticas ao último acordo

BRASÍLIA — Apesar de estar adotando um discurso sobre a questão da dívida que em muitos pontos se aproxima cada vez mais do de seus críticos, o ministro da Fazenda, Maílson da Nóbrega, rebate com dureza os ataques que vem recebendo por causa do acordo que fez no semestre passado com os bancos credores, não poupando sequer o presidente do PMDB e eventual vice-presidente da República, Ulysses Guimarães. "Pessoas de boa fé tendem a aceitar qualquer coisa que se diga a elas — que esse acordo não presta, que ele é danoso para o país. Ulysses usou a palavra danoso. São pessoas (os críticos do acordo) que não participaram das negociações, que não sabem como funciona isso e poderiam, se no poder, levar o país a uma aventura. Entendo que muitos estão falando isso por uma conveniência eleitoral. Uma vez no poder, certamente não fariam o que estão dizendo em praça pública".

"Temos uma memória muito curta. De uma hora para outra, está tudo errado", queixa-se Maílson ao se referir à aceitação pela opinião pública das críticas sobre erros na estratégia da negociação da dívida, que ele insiste repetidamente serem colocações meramente "falaciosas". "Tem muita gente falando desse negócio de dívida externa que nem sabe preencher um cheque; é a secretaria quem preenche", afirma ele.

Expert — Demonstrando estar profundamente magoado com os ataques, principalmente com o questionamento de sua capacidade, o ministro da Fazenda assegura: "Eu duvido que alguém tenha estudado mais a questão da dívida externa do que eu no Brasil. Li pelo menos uns 15 livros sobre o assunto. Não estou dizendo que sou o maior *expert* nisso, mas que é um negócio que estudei para valer, isto é. E vivi. Vivi os diversos lados da dívida externa. Vivi a crise de 83 aqui (como integrante do alto escalão do ministério da Fazenda). Vivi a mudança de 85 trabalhando do outro lado, como banqueiro (no Euribras, em Londres). E estou agora vivendo a terceira fase da dívida, como ministro".

Ao falar sobre o Plano Baker, Maílson relaciona sem dificuldade os 17 países devedores que deveriam ser beneficiados pelo projeto do secretário do Tesouro norte-americano. Ao terminar a lista, comenta com uma ponta de orgulho: "Eu já estudei tanto isso que até já decorei os nomes dos países".

Falácia — "Tem muita gente falando da questão da dívida, ora sem conhecimento mais aprofundado de suas origens, ramificações e desafios, ora com objetivos meramente políticos. O tema se presta muito ao populismo", diz o ministro, exemplificando: "Se alguém chega numa capital populosa do Brasil, sobe numa caixa de madeira e diz que o trabalhador está perdendo salário porque o governo está pagando a dívida externa, o discurso é facilmente aceito por quem não conhece o complexo sistema de pressões, interesses e poder que permeia toda essa questão da dívida".

"Têm ganho fôlego no Brasil uma fala que é de efeito populista muito grande, mas que é destituída de qualquer fundamento técnico", continua ele. "É a frase que vem sendo dita pelo Quênia, pelo Ulysses e por outros menos cotados. De que o Brasil tem uma dívida que vale 40 e continua pagando juros sobre 100. Para as pessoas que não entendem e têm a informação do outro lado de que o mercado secundário de títulos cotou a dívida brasileira qualquer dia desses a 38% do seu valor, elas ligam uma coisa com a outra e dizem: olha, esse homem está certo, quem está errado é o governo, que negocia a dívida. Mas isso é uma falácia que cai muito bem nos incautos e nos desinformados".